

Renovação

O PROBLEMA DE MARROCOS

Duas potências europeias disputam a sua influência em Marrocos — a Espanha e a França. A primeira, empenhada nessa luta há muitos anos, habituaramo-nos já a vê-la vencida. E, de facto, a Espanha conserva-se ainda na posse dos velhos presidios de Ceuta e de Melilla e duma estreita faixa do litoral mas é uma potência vencida em Marrocos.

A França, senhora da maior parte do país marroquino, pelo sistema do protectorado, está em riscos de perder todos os seus esforços destes 20 anos. Dentro de dois anos — dizia há pouco Lyautey — se não adotamos providências, arriscamo-nos a perder Marrocos. E não há dúvida: o triunfo da república do Riff é a mais séria ameaça para a França não só em Marrocos como também em todo o norte de Africa, na Algeria e na Tunisia.

A sociedade indígena

Se exceptuarmos os judeus, a população indígena do norte de Africa divide-se em dois grandes grupos — os arabes e os berbéres. Os arabes são os invasores e conquistadores de há 1.200 anos; os berbéres, os povos primitivos. Estes receberam dos arabes a religião de Mahomet mas conservam a sua língua que não tem nada de comum com a arabe. Se os berbéres foram apenas meio conquistados pelos arabes, deve-se principalmente ao facto de que aquêles habitam as montanhas ao passo que os arabes dominam na planície, no litoral.

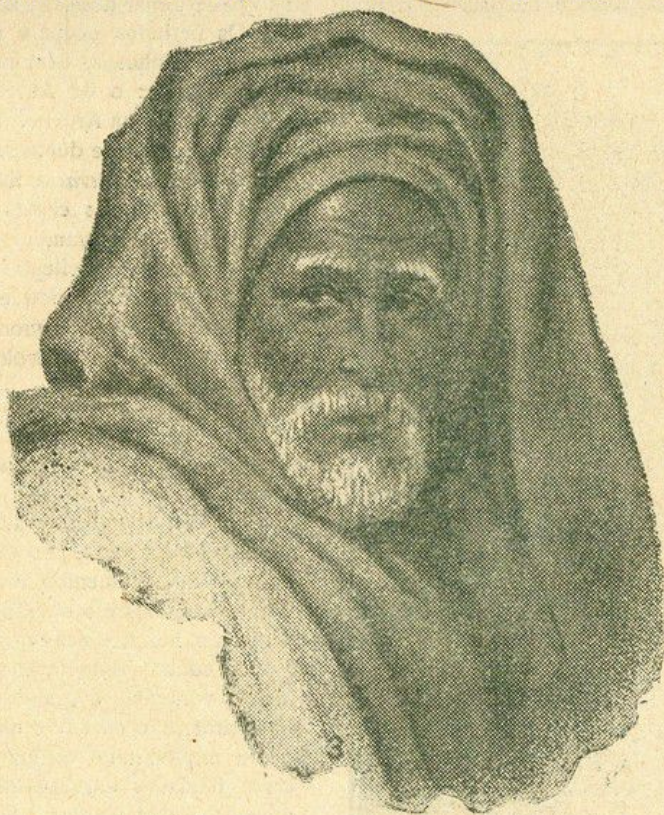
Os arabes

Na Africa do norte a planície e o planalto mais ou menos aridos fazem nascer a economia da estêpe. O arabe faz percorrer por centenas de quilómetros os seus rebanhos, mudando de região com as estações. Nos terrenos que está habituado a percorrer assim, e que ele considera como propriedade sua, o arabe semeia no outono na de-

pressão de terrenos e na bordadura dos riachos, o trigo e a cevada que ele virá recolher no estio. Nenhuma estabilidade, portanto, nem de trabalho nem de residencia. A vida nestas condições não depende da boa organização do trabalho mas unicamente da extensão dos terrenos, isto é, depende da conquista. A organização social é portanto, e antes de tudo, uma organização militar. A tribu tem á sua frente um chefe munido de plenos poderes, um chefe militar escolhido pelos seus meritos pessoais ao qual se obedece sem discussão. E' o regime feudal na sua pureza. Este regime convinha sobremaneira á administração franceza e por isso o deixou subsistir. As guerras entre as tribus, ao principio frequentes, tendem hoje a desaparecer. Os pequenos e grandes senhores feudais

arabes recebem o seu poder do Estado francez, como na Europa ha 300 anos o senhor recebia o seu da autoridade real. Longe de destruir o feudalismo, os civilizadores legalizaram-no.

Ao lado do chefe militar, as sociedades feudais pos-



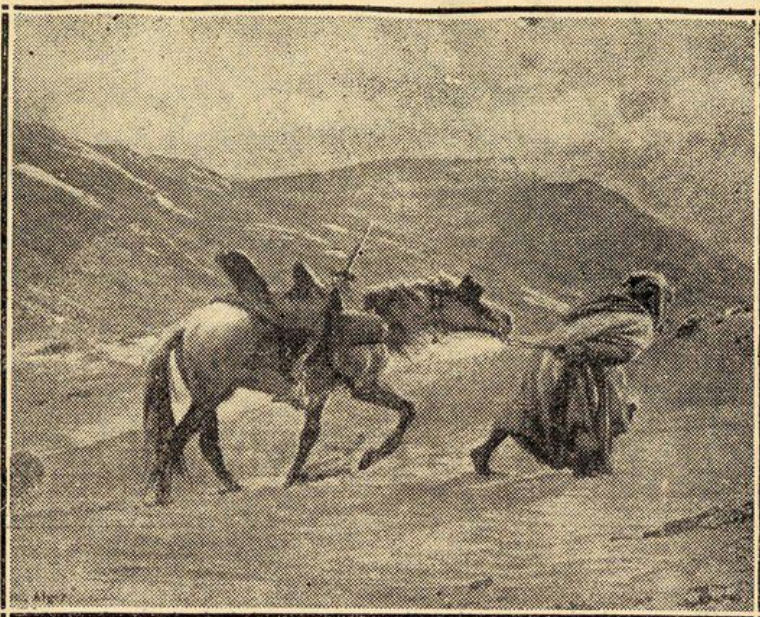
Tipo marroquino

suem quasi sempre um outro poder — o chefe religioso. Ao lado do *caid*, chefe militar, o *marabu*, chefe religioso. Do mesmo como havia procedido para com o chefe militar, o Estado francez reforçou e legalizou o chefe religioso. São estes chefes os grandes auxiliares da administração franceza.

Os berbéres

Bem diversa é a organização dos berbéres. Protegido pelas suas montanhas, o berbére não tem necessidade duma organização militar; alguns homens põem facilmente em respeito uma multidão de agressores. Em compensação, ele é um verdadeiro cultivador porque tem agua. Esta agua é um tesouro de que o berbére tira o melhor partido. E' mercê dela que o berbére cultiva os flancos da montanha em magnificos terraços regados. A divisão da propriedade é excessiva, no entanto, e o cultivador berbére tem de procurar nas cidades e na planície, pelo trabalho de alguns dias no ano, um subsídio para ocorrer ás necessidades da familia.

Não tendo necessidade de chefes, os berbéres consideram-se todos eguaes. A sociedade berbére é, pois, uma democracia no mais amplo sentido da palavra. E' uma



Costumes indigenas da Algeria

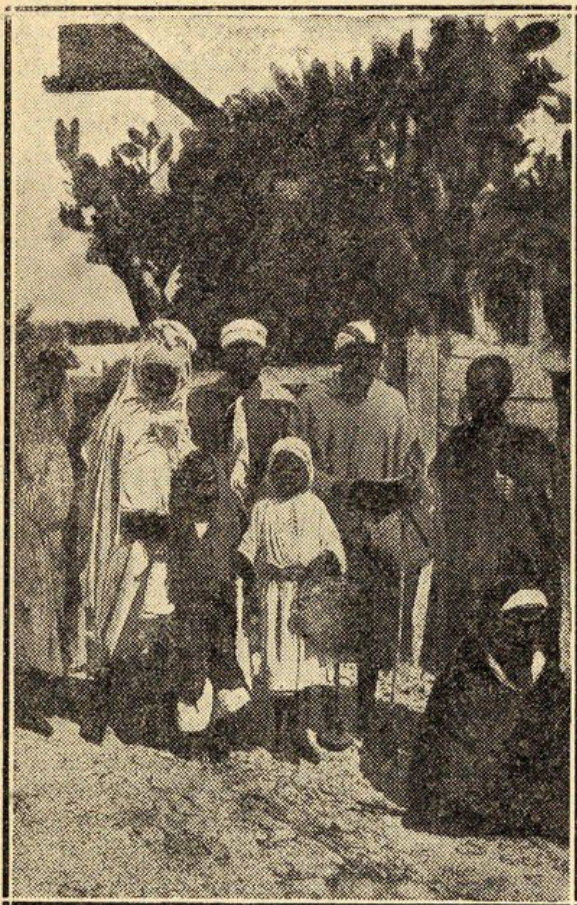
sociedade onde o povo é tudo, como já dizia Renan. O unico órgão do poder entre os berbéres é a assembleia geral de todos os homens maiores — a *Djema* — que reúne todas as semanas e decide sobre tudo, confiando as suas decisões a um *amiu*, a todo o momento revogavel e que não póde tomar decisões sem consulta da *Djema*.

Os berbéres ocupam atualmente tres grandes massiços montanhosos, com uma individualidade geografica bem marcada: o de Aurés, o de Kabila e o do Riff, os dois primeiros na Argelia.

Esta sociedade democratica berbére não se acomoda bem com a *democracia* financeira da França, como os arabes. Quando os chefes arabes foram vencidos, submeteram-se definitivamente, muito felizes de verem confirmados os seus privilegios. Entre os berbéres, pelo contrario, a França não poudé comprar os chefes porque os não havia. E assim a montanha berbére continuou a levantar o pendão da revolta sempre que encontrou momento favoravel.

O nacionalismo indigena

Os chefes arabes, militares e religiosos, estão com a submissão á França, já o dissémos, em toda a Africa do norte. Mas há elementos novos de que ainda não falamos: — os intellectuais e o operariado, este, aglomerado nas cidades do litoral e nas regiões mineiras. Estes elementos reagem contra a dominação franceza. E se na Argelia e Tunisia o comercio, o grande comercio, está na mão de estrangeiros, não succede o mesmo em Marrocos. O marroquino mussulmano tornou-se grande comerciante, tem casas fundadas em Londres, Liverpool e Hamburgo, ligadas a Rabat, Tanger e Casa Branca. Desta sua importancia social não se alheia o marroquino e ele confia que a França se verá forçada dentro em pouco a abandonar Marrocos. São estes os elementos sociais que fermentam o movimento contra a dominação franceza e que já déram sinais de si quando da revolução turca e durante a guerra europeia.



Um grupo de mouros de Tanger

O Riff e o movimento nacional

Tratando do Riff e de Ab-del-krin temos a ponderar se estaremos em face dum novo chefe, grande senhor, ou se a republica do Riff é uma realidade.

O Riff é, como já dissémos, uma democracia muitas vezes secular, nem o seu sistema de pequena propriedade nem a sua composição social permitem que seja outra cousa. Que de resto não se trata no Riff duma só republica mas duma serie de pequenas republicas autonomas livremente federadas. O papel de Ab-del-krin significa sómente que para a dura luta que eles teem a travar, os camponezes rifenhos sentiram a necessidade de unir as suas republicas numa Confederação de que a pessoa de Ab-del-krin não é senão a representação material. Os camponezes rifenhos, já o dissémos, são simultaneamente pro-

letarios que, em determinados periodos do ano, alugam os braços ou nos portos das cidades litorais ou nas estepes dos chefes arabes. Falando-se, pois, da republica rifenha nós podemos ter a certeza de estar em face duma republica de operarios, de camponezes pobres, que querem dispôr livremente de si mesmo.

E é facil concluir que consequencias trará para todo o norte de Africa, submittido ao jùgo francez, a existencia duma republica livre, triunfante. Ela será um exemplo melhor que toda a propaganda, ela será um solido ponto de apoio para todo o movimento nacional, ela será por si só um motor de acção revolucionaria. Sentem-no isto bém todos os francezes inteligentes que conhecem Marrocos, sente-o melhor que ninguem o proprio Lyautey. Teem razão os francezes para se inquiétarem com o Riff; teem razão os operarios em saudarem em Ab-del-krin o triunfo da republica rifenha.